

Crer e Saber: relações de precedência e hierarquização

Eliane Domaneschi Pereira (USP)

Um dos principais parâmetros para o estabelecimento de uma relação de precedência entre os termos CRER e SABER encontra-se compreendido na instância da enunciação. A antecedência sintática do CRER em relação ao SABER é apontada por Fontanille (1987, p. 55) como um dos pontos incontornáveis da distinção paradigmática entre CRER e SABER realizada por Greimas em *Du Sens II* (1983). De fato, podemos identificar que a antecedência sintática do CRER encontra pertinência e aplicação quando nos voltamos às condições iniciais da comunicação intersubjetiva, em que estão pressupostos um “eu creio que” e, correlativamente, um “é preciso que você creia que eu creio que”. O estabelecimento de uma precedência dessa natureza forçosamente hierarquiza os termos no sentido de que ordena uma sequência para sua ocorrência no eixo cronológico em que o discurso se dá. Entretanto, ambas as modalidades, nessa abordagem, encontram-se no mesmo nível no percurso gerativo de sentido. Uma primeira evidência de que elas podem ocupar níveis distintos nesse percurso está no arranjo modal CRER-SABER, possível apenas graças à capacidade do CRER em reger outro enunciado modal, característica que o distingue das demais modalidades como aponta Zilberberg (2006, p. 160). Assim, buscamos discutir e analisar neste trabalho as relações de precedência e hierarquização que o CRER e o SABER podem assumir de acordo com a teoria semiótica da Escola de Paris.

elianrev@gmail.com

O Ritmo na obra de Claude Zilberberg

Bruna Paola Zerbinatti (USP)

É importante, para fazer um estudo do ritmo sob a perspectiva semiótica, saber o que se entende por ritmo. Embora essa pareça uma questão ingênua e básica, não é tão simples quanto aparenta. De fato, o conceito de ritmo é frequentemente utilizado em semiótica pelos mais diversos autores, tendo mesmo verbetes nos dois tomos do Dicionário de Semiótica, entretanto, é possível notar que as acepções para a mesma palavra variam não só de autor a autor como dentro da obra de um mesmo autor. Neste trabalho, nos concentraremos no conceito de ritmo segundo as proposições de Claude Zilberberg, considerando alguns de seus artigos dedicados ao tema, de 1979 até 2011. Em tais trabalhos, é possível notar que o conceito sofre modificações conforme a própria teoria tensiva vai evoluindo. Assim, o ritmo pode aparecer como recurso do plano de expressão, como conjugado ao andamento ou como um cruzamento entre a tonicidade e a temporalidade, de acordo com o momento estudado. Percebemos através da obra de Zilberberg, que o conceito de ritmo ainda está longe de ser definido e postulado. Por outro lado, o fato de que ele volte sistematicamente aos trabalhos do autor durante várias décadas atesta a importância que o conceito assume apesar de sua dificuldade de tomar um lugar dentro da teoria.

Proposta de um esquema passional canônico tensivizado

Eliane Soares de Lima (USP)

Quando a problemática do sensível entrou no campo de interesse dos semioticistas franceses, a partir da exploração analítica dos afetos, ela rapidamente mostrou sua relevância e ocupou o seu espaço no quadro geral da teoria. Essa nova direção das pesquisas, marcando a “virada fenomenológica” da disciplina, fez com que os estudiosos voltassem sua atenção cada vez mais à questão do discurso em ato, do devir, da emergência do sentido. Foi a partir daí que noções como a de percepção, presença e tensividade foram ganhando mais força e importância. No entanto, se os estudos no campo do sensível, ou da afetividade enquanto dimensão da significação, evoluíram e continuam em pleno desenvolvimento, o exame propriamente dito dos afetos não progrediu da mesma forma, uma vez que a metodologia mais comumente oferecida e consagrada à análise semiótica das paixões permanece sendo o esquema passional canônico com ênfase na estrutura modal, no qual o sensível e as noções daí advindas continuam a não encontrar o seu lugar. O objetivo de nossa apresentação é, então, o de propor uma “atualização” do esquema passional canônico, no qual as noções anteriormente citadas (percepção, presença, tensividade) mostram sua operacionalidade, permitindo, além disso, uma maior compreensão do modo de articulação entre sensível e inteligível no momento da configuração dos afetos. A ideia é viabilizar um modelo de análise fundamentado não exatamente no percurso patêmico do sujeito – próprio à junção –, como foi feito até então, mas com ênfase na interação que faz emergir a afetividade. Trata-se da sugestão de um estudo das paixões, dentro do quadro epistemológico da teoria semiótica, não mais tão ligado à ação, e sim à percepção, à noção de presença e de tensividade, tal como propõe a vertente tensiva da teoria.

li.soli@usp.br

Estruturas significativas no sincretismo actancial

Paula Martins de Souza (USP)

O sincretismo actancial é um dos mecanismos de análise da semiótica greimasiana que permitem resolver elementos do nível discursivo em elementos do nível narrativo do percurso gerativo do sentido. Seja no caso em que “João está cansado e Maria não o deixa dormir” seja no caso em que “Ainda que cansado, João não se permite conciliar o sono”, há uma disjunção entre sujeito (“João”) e objeto (“sono”) ocasionada pela interferência de um antissujeito (“Maria”, no primeiro caso; “João”, no segundo). Essa mesma relação pode ser encontrada em ambos os casos graças ao sincretismo actancial de sujeito e antissujeito no mesmo ator “João”, respondendo, assim, pelo princípio de simplicidade na análise. Evidentemente, a significação resultante de cada caso será diferente, uma vez que qualquer mudança em nível mais profundo acarreta necessariamente uma mudança em nível mais superficial. Mas, para além disso, pode-se encontrar mudanças de significação que residem na própria relação entre níveis. Em nível discursivo, pode-se identificar uma certa paixão da indignação no segundo caso, que não está presente no primeiro. No primeiro caso, se fosse dado um outro contexto (por exemplo, “Maria” é a mãe zelosa de “João”), essa mesma paixão poderia aparecer em nível discursivo, mas

parece improvável que ela não viesse a se manifestar necessariamente no segundo caso, qualquer que fosse o contexto dado. Isso ocorre porque, no segundo caso, não se espera o desejo pela eliminação do ator que reveste o antissujeito, donde o sentimento de injustiça e impotência que indigna. Sendo assim, esta comunicação se presta a estudar alguns casos de sincretismo actancial que envolvem o sujeito, buscando estruturas significativas derivadas dessa relação entre níveis.

paulamartins@usp.br